

Editorial

Luiz Fernando Ramos
Sílvia Fernandes

Prezados leitores,

A Sala Preta, em seu décimo quarto ano de existência, propõe mais uma reunião significativa de textos, com colaborações de artistas pesquisadores da cena. Neste número latino-americanos sobressaem e destaca-se um olhar para as Américas, principalmente para as questões, artes, projetos e performances de mulheres ao Sul e ao Norte do continente.

NA SEÇÃO EM PAUTA a editora convidada, Beth Lopes, apresenta algumas reflexões e relatos acerca da dimensão, potencialidade e efetividade da Arte da Performance na ação política, e nas lutas que permeiam a vida humana nos modos em que ela se dá nas urbes contemporâneas.

O professor Victor Miguel Vich Florez elabora um inventário do doloroso processo de luto da nação peruana pelos desaparecidos em décadas passadas, por conta da fratura entre a guerrilha do Sendero Luminoso e vários Governos. Uma Comissão da Verdade já apurou serem setenta mil os mortos, quinze mil os desaparecidos e seiscentos mil os deslocados de seus lugares de origem. Florez descreve como esse luto reverbera em manifestações performativas belas e radicais.

A pesquisadora Diana Taylor, pioneira na investigação de performances que emergem das culturas populares andina, sul-americana e mexicana, relata sua experiência de espectadora diante do espetáculo Bom Retiro 958 metros do Teatro da Vertigem. A partir da noção de “arquivo”, que lhe é cara, ela percebe nuances insuspeitadas com um olhar estranhado diante da São Paulo alegórica que o espetáculo oferece.

Beth Lopes e Stela Fisher acompanham o registro da memória urbana, ao proporem o rescaldo do 8º Encontro do Instituto Hemisférico de Performance e Política - Cidade/Corpo/Ação: A Política da Paixões nas Américas. Recolhem das ruas e praças da cidade de São Paulo os vestígios que lhes ficaram de dezenas de perfor-

mances realizadas durante o evento, focando principalmente nas performadas por mulheres e que tinham a questão feminina, ou do feminismo, como disparadores.

O discurso fotográfico de Lorie Novak, uma voz sintética, mas cortante, propõe interferências poéticas sobre fotografias de atrocidades. Cria espaços simbólicos nos quais imagens de violência indiscriminada são reapresentadas em uma segunda vida, concretizando performances de ruptura do conformismo e niilismo. O artigo/coleção de fotos depõe a favor da performatividade crítica das imagens.

Em diálogo com a temática da pauta, a SEÇÃO ENTREVISTA traz a voz de uma artista popular mexicana, que encontrou na dificuldade mais extrema o combustível para construir uma obra vital e transformadora. Petrona de la Cruz Cruz narra a Elisabeth Lopes e Fábio Salvatti a saga que percorreu entre a opressão na adolescência em Chiapas e as realizações como artista internacionalmente reconhecida. Uma das criadoras do FOMMA, o grupo de teatro Fortaleza de la Mujer Maya, ela fornece em sua entrevista um panorama dos enfrentamentos e conquistas de uma teatralidade que não só resgata a cultura Maia mexicana, como apresenta dela vitais emanações contemporâneas.

A SEÇÃO SALA ABERTA, se mostra contígua à pauta reunindo artigos que exploram questões relativas às performances e ao teatro político.

Diretamente conectado com o potencial de renovação que a performance de comunidades, no sentido dos Performances Studies projeta, Luvel García Leyva analisa a fricção política que o grupo de mulheres de dissidentes cubanos, Damas de Blanco, provoca nos embates ideológicos e simbólicos da ilha de Cuba.

Stephan Arnulf Baumgärtel e Mayana Marengo discutem a performance urbana contemporânea a partir do espetáculo *Hasard do Erro* Grupo, de Florianópolis, e do exame crítico da relação entre espectadores e performers numa cena híbrida de realidades dadas e roteiros de encenação.

A *Il Trupe de Choque* tem seu último espetáculo revisto por um de seus criadores centrais, Ivan Delmanto. O jogo e a performance são apresentados enquanto eixos construtivos de uma forma teatral que se apresenta como vera pedagogia, e de uma poética que ser quer libertária e deflagradora da ação política.

A experiência do espectador contemporâneo também é examinada por Marta Ribeiro, revisitando a peça didática de Bertolt Brecht e atualizando-a no âmbito do debate sobre a recepção. Explorando a noção de intersubjetividade conjuntiva, propõe um espectador emancipado na intersecção do “ver” com o “ver-fazer”.

A histórica montagem de Flávio Império de Os Fuzis da Senhora Carrar do mesmo Bertolt Brecht, de 1968, é reconstituída por Rogério Marcondes Machado. Trabalhando comparativamente com outra montagem da mesma peça, de 1962, e aproximando sua repercussão à época à de Roda Viva, do Teatro Oficina, o autor dissecou o espetáculo.

Em sintonia com a cena ibero-americana e o campo expandido do teatro no século XX, que inclui uma aproximação com a performance e as artes visuais, Ileana Diéguez comparece à SEÇÃO O QUE VOCÊ ESTÁ LENDO?. A pesquisadora mexicana comenta o catálogo da exposição Teatro sem Teatro, apresentada em Barcelona e Lisboa, entre 2007 e 2008, e põe em xeque a noção de teatralidade de Michael Fried.

De volta à revista, a SEÇÃO LIVROS reúne duas resenhas sobre publicações recentes em torno da musicalidade no teatro. Em uma, foca-se a questão do ritmo como estrutural na dinâmica da montagem cênica. Em outra, centrada nas poéticas da voz, discute-se uma metodologia dos afetos como crucial na preparação de atores.

Finalmente, em vínculo direto com o foco deste número na dimensão política da arte da performance, o DOSSIÊ ESPETÁCULO resgata Pulsão, montagem realizada em 2013 pelo Desvio Coletivo. O experimento radical, que discutiu questões cruciais da performatividade contemporânea, é observado por vozes externas e internas ao processo criativo. Elizabeth Maria Néspoli, Julio Groppa Aquino e Ferdinando Martins, revelam-se espectadores ativos, impactados pelo espetáculo e motivados a explorar suas implicações políticas, estéticas e psicanalíticas. Carminda Mendes André, que chegou a atuar em fases do processo, faz uma revisão crítica e participa com Groppa e Néspoli de um debate com o principal criador, Marcos Bulhões. Ainda Marcelo Denny, do ponto de vista da direção de arte, José Manuel Lázaro, da dramaturgia e roteiro, e Priscilla Toscano como artista que fez performance solo, dão seus depoimentos.

De todas as perspectivas reunidas neste número, os campos da performance e da política aparecem como planos intersectados em tensão produtiva.

Boa leitura.